



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

CURRÍCULO, DISCURSO E LITERATURA: UMA ANÁLISE DO LIVRO ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

Adenaide Amorim Lima
(UESB)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo contribuir para uma reflexão acerca dos discursos e das relações de saber-poder que norteiam a construção do currículo. Para tanto, tomamos por base as concepções teóricas de Michel Foucault, particularmente aqueles referentes às relações de saber-poder. Analisando em contrapartida algumas obras da literatura clássica como, por exemplo, o *Admirável mundo novo* onde o autor descreve todo o aprendizado dos indivíduos desde o nascimento até a morte, incluindo aí todo um currículo que vai desde as angústias pessoais a incapacidade para lidar com o diferente. A relação saber-poder e de controle tanto na ficção quanto na realidade apresentam um currículo, vinculado à construção do conhecimento na nossa sociedade. O currículo é um fator determinante na vida e na formação de cada sujeito e está presente e desempenha um papel decisivo na vida escolar e/ou fora dela.

PALAVRAS-CHAVE: Currículo. Discurso. Literatura.

INTRODUÇÃO

Admirável mundo novo, escrito em 1931, por Aldous Leonard Huxley, é um livro de ficção científica. Nele é apresentada uma sociedade baseada na tecnociência e na extrema eficiência dos indivíduos. Criados em laboratório e divididos em castas, esses indivíduos, através de um currículo eficiente, não têm

Graduanda do curso de Pedagogia – VIII Semestre, da Universidade Estadual do Sudoeste do Bahia (UESB), Campus de Vitória da Conquista. Email: adenaide2007@hotmail.com.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

nenhuma possibilidade de mobilidade social e vivem em uma harmonia artificial, onde cada um desempenha seu papel na sociedade, de forma disciplinada e controlada. Huxley escreve seu livro tendo por base o contexto social vigente de sua época: o surgimento do Fordismo, como modo produção dominante e o modelo de ensino proposto por Bobbitt em sua obra de 1918 *The curriculum*, onde descreve uma proposta educacional baseada no tecnicismo a serviço do capitalismo que pretendia tornar os alunos eficientes aptos aos trabalhos das fábricas.

A aceleração da industrialização nos Estados Unidos, a imigração de pessoas de diversas partes do mundo – de culturas, com saberes e costumes diferentes – comprometeram a homogeneidade de uma cultura, provocando uma “crise moral”. Diante de tal contexto, para não comprometer o desenvolvimento do país, algumas medidas foram tomadas, principalmente, no que diz respeito à educação.

Através do currículo e das relações de poder atuantes, pretendiam formular um movimento que agiria como uma espécie de cura social. Voltada para as crianças delinquentes, crianças das classes pobres, imigrantes e minorias étnicas, como a resposta socialmente “correta” para a inserção social. Buscava-se no currículo uma forma de trabalhar esses “desvios” da sociedade.

Dentre as diversas questões que o autor de *Admirável mundo novo* descreve, uma se sobressai. A sua ficção remonta uma preocupação constante e central quanto ao futuro da liberdade individual e para a qual chama atenção no Prefácio do livro.

O tema do Admirável mundo novo não é o progresso da ciência em si; é esse avanço na medida em que afeta os seres humanos [...]. Os únicos progressos científicos descritos especificamente são os que se relacionam com a aplicação aos seres humanos dos resultados de futuras pesquisas nos terrenos da biologia, da fisiologia e da psicologia. É somente por meio das ciências da vida que se pode mudar radicalmente a qualidade desta (HUXLEY, 2001, p. 25).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A relação entre liberdade individual e progresso científico é um tema atual e sobre o qual a educação deveria dizer algo. Dizer algo à medida que ela é o espaço oficial que tem a pretensão de ser o lugar da formação ético-moral e profissional do sujeito. De algum modo a educação, através da escola e de sua proposta educacional, favorece uma ou outra destas formações. Optar apenas pela formação ético-moral é insuficiente diante do mundo cada vez mais competitivo.

Huxley não propõe um modelo de sociedade e nem descreve simplesmente uma utopia como fez, antes dele, o também inglês Thomas More. Huxley não propõe a criação de uma nova sociedade como descreve Francis Bacon em seu livro *Nova Atlântida*, publicado, postumamente, em 1627. Diferentemente de um escritor utópico, *Admirável mundo novo* descreve uma sociedade projetada a partir do real, do concreto, do contexto vivido pelo autor, onde as forças que começam a emergir e se impor em vários segmentos sociais e institucionais, exigem novos saberes. Ele descreve, de modo fabular, o nascimento de poderes econômicos e esses novos saberes que começam a surgir e estão sendo disseminados nas escolas. Na sua descrição, os objetivos econômicos e sociais estão cada vez mais definindo o objetivo principal da educação formal/curricular. Como foi dito, tais objetivos faziam parte do currículo descrito por Bobbitt.

Do que foi dito até aqui é possível afirmar que existe diversos veículos de discursos. Pode ser utópico, fabuloso e/ou educacional, no sentido das metas e do currículo sobre os quais essas instituições se orientam. Em quais desses discursos, o “discurso curricular” está embasado? Sabemos que o discurso utópico não tem como objetivo influenciar diretamente a realidade histórica. Em boa medida serve como lugar de consolo frente à rudeza da realidade.

As utopias não têm lugar no real, porque confortam, acomodam e descortinam um espaço maravilhoso, unidimensional. Elas funcionam como espaços consoladores, uma vez que abrem



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

regiões simplificadas, cujo acesso é quase sempre por via onírica, quimérica (GAMA-KHALIL, 2009, p. 70).

O currículo surge e está a serviço de uma necessidade histórica. Ele está ancorado nas heterotopias, como um campo regulador de saberes e, conseqüentemente, regulador dos novos discursos, mesmo que esses discursos não sejam sempre verdadeiros. O que torna o discurso verdadeiro é a sua eficácia que, em linguagem foucaultiana, é sua capacidade de apresentar efeitos de poder. Tais efeitos de poder são qualificados como saberes válidos.

Para Foucault (1968, 2001) há dois grandes modos de posicionamentos espaciais: as utopias e as heterotopias. O primeiro tipo, o espaço utópico, é o da sociedade aperfeiçoada e organizada, o espaço da idealização projetado pelas vontades de verdade das instituições e poderes; já, no espaço heterotópico, temos a projeção de posicionamentos reais localizados no interior de uma cultura e que, ao mesmo tempo em que se encontram representados, mostram-se contrapostos e invertidos, fora de todos os espaços embora sejam efetivamente localizáveis (FOUCAULT *apud* GAMA-KHALIL, 2009, p.70).

O currículo é um espaço discursivo válido, através do seu poder, para sujeitar aqueles que a ele estão submetidos. A educação, através do ensino-aprendizagem, é um lugar privilegiado onde conhecimentos fragmentados e descontextualizados são organizados e hierarquizados, através do melhor discurso, ou seja, aquele que melhor mostra os seus efeitos de poder. Entre o discurso idealizado das instituições (escola, por exemplo) e o discurso real dos sujeitos existe um abismo intransponível.

O lugar do discurso varia de acordo com o ponto de partida daquele que profere o discurso. Em se tratando de temas como formação, controle e progresso humano e científico foram muitos os textos que, na literatura utópica, procuraram refletir. No que diz respeito à educação e a formação do homem, encontramos na literatura utópica de More, Bacon e na fábula de Huxley as bases para a construção



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

de uma sociedade desejada, como *A utopia* e *Nova Atlântida*, ou uma sociedade temida como é o caso de *Admirável mundo novo*. O elemento comum a todas essas sociedades é que o processo educativo é sempre concebido como uma ferramenta de poder e o lugar do discurso do saber.

Huxley, no início de seu livro, chama atenção, dos mestres e educadores sobre a responsabilidade e o poder que os mesmos possuem junto à educação e formação dos indivíduos. E quase que culpa os mesmos pelas insanidades de alguns, quando se omitem quando haveriam de intervir.

Thomas More descreve uma sociedade utópica, em um lugar a parte, uma espécie de “ilha dos sonhos”, um lugar onde as pessoas recebem, desde a tenra idade, uma educação humanística e voltada para a coletividade. A ênfase no papel do educador, dada a sua importância dessa figura, nesse processo de construção de sociedade, passa pelo cuidado daquele que é descrito como mestre. Ao mestre cabe à formação espiritual da criança. Ele é o responsável pela formação que inicia na infância e dura toda a vida.

Francis Bacon, na *Nova Atlântida*, descreve uma história breve e inconclusa. Assim como Thomas More, ele descreve uma utopia que reproduz sua paixão pela ciência e reflete a época das descobertas científicas. Eletem em mente uma escola-referência, também utópica, que é a Escola de Salomão, cujos mestres eram os sacerdotes. Nessa escola se desenvolve todas as ciências possíveis imagináveis e inimagináveis. Apesar dos habitantes viverem em harmonia e a ciência ser voltada para servir ao homem, havia em torno de alguns saberes certos segredos: muitas das descobertas não eram reveladas nem para o Estado. O que mostra que a ciência era concebida como um saber-poder, controlado, assim como na sociedade do *Admirável mundo novo*. Fora da utopia, no campo da realidade efetiva, foi o próprio Bacon quem cunhou a célebre divisa: saber é poder (Cf. Bacon, *Novum Organum*, I. III).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Na descrição de Huxley o papel do educador é anulado: inexistente este tipo de relação no processo educacional. O professor é descrito como um ser passivo, que não exerce função de sujeito devido à impossibilidade que o currículo apresenta. Soma-se a esse aspecto o pequeno espaço de saber em que o educador é enquadrado. Currículo, em *Admirável mundo novo* não é apenas uma forma de controle dos saberes, mas está acima dos saberes e é guiado por saberes outros que até o professor é descrito como sendo fruto desse mesmo currículo, diante do qual não vê saída a não ser reproduzir aquilo que este determina. Esse aspecto fica visível no diálogo entre Bernard, um psicólogo de uma casta superior e Helmholtz, de casta não mencionada:

— Mas as coisas que você produz, Helmholtz, são boas.
— Ah, sim, dentro dos seus limites. — Helmholtz deu de ombros.
— Mas são limites tão estreitos! O que eu faço, de certo modo, não é bastante importante. Sinto que poderia fazer coisas bem mais importantes. Sim, e mais intensas, mais violentas. Mas o quê? O que é que há de mais importante para dizer? E como é possível dizer algo violento sobre assuntos do gênero que se é forçado a tratar? As palavras podem ser como os raios X, se as usarmos adequadamente: penetram em tudo. A gente lê e é trespassado. Essa é uma das coisas que eu procuro ensinar aos meus alunos: como escrever de modo penetrante. Mas de que diabo serve uma pessoa ser trespassada por um artigo sobre Cantos Comunitários ou sobre o último aperfeiçoamento dos órgãos aromáticos? Além disso, será possível fazer com que as palavras sejam verdadeiramente penetrantes — quero dizer, como os raios X mais duros — quando se trata de assuntos desse gênero? Pode-se dizer alguma coisa a respeito de nada? E a isso, afinal, que se reduz a questão. Eu tento, eu me esforço...(HUXLEY, 2001, p. 104).

Uma habilidade aparentemente simples é algo impraticável quando os limites do que deve ser esperado já estão planejados. Como o objetivo educacional dessa sociedade eficiente é a homogeneização de habilidades e saberes, cada grupo social recebe, de forma mecânica, sua educação. Educação essa que o autor não deixa de caracterizar como “condicionamento”.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Não são raros os relatos de estudantes dos cursos de licenciaturas, após os estágios, sobre o grau de distanciamento que existe entre brinquedos, livros infantis e as dependências das instituições. Nas creches, os brinquedos nunca estão disponíveis e as crianças não têm acesso livre a estes componentes pedagógicos, ficando sempre guardados em almoxarifados e acessados com a presença de um professor ou tutor. A sala de aula parece desmembrada do restante do espaço físico da escola, atendendo a um critério meramente organização-burocrática do ambiente escolar. Observando os prédios, poucos são aqueles que são construídos para facilitar o aprendizado. No geral, os prédios escolares seguem apenas o melhor aproveitamento do terreno e do orçamento em detrimento da formação.

A organização geográfico-espacial do processo educativo não se refere apenas ao ambiente físico, atinge também a organização dos conteúdos que serão ministrados. Também a organização do conteúdo, na maioria das vezes, é limitada e visa satisfazer as exigências burocráticas e legais do conteúdo. Tal organização conduz a uma concepção, estritamente técnica do ensino, ou seja, define-se o “que” se deve e o “para que” se deve ensinar ou negligenciar em termos de conteúdos. Tais determinações nem sempre atendem às exigências concretas dos destinatários, apenas reforça a tese de que tais conteúdos (o que) e tais finalidades (para que) é resultado de um discurso que expressa poder e determina quem define o currículo e quem deve ser determinado por ele.

Com essa modalidade de educação o que se objetiva na sociedade fictícia como na real são: “Homens e mulheres padronizados, em grupos uniformes”. (HUXLEY, 2001, p. 38). Tal padronização estava de acordo com o objetivo do currículo de Bobbitt mediante o novo modelo de produção que instalava. Segundo Tomás Tadeus da Silva (SILVA, 2007, p. 24), para Bobbitt, “a educação, tal como a usina de fabricação de aço, é um processo de moldagem”. Assim como o moderno meio de produção capitalista, o modelo educacional descrito por Bobbitt visava nivelar todos através da padronização dos resultados e objetivos.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

O currículo, nesse sentido, é o que também podemos chamar de veículo de controle dos saberes e, ao mesmo tempo, produtor e disseminador desses saberes que, por vezes, dá-se de modo fragmentado, nos discursos ideológicos e rarefeitos. “O currículo é sempre o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo” (SILVA, 2007, p. 15). Tal currículo pode ser “visível” no ocultamento de certos saberes que deveriam fazer parte do ensino-aprendizagem. “Grande é a verdade, mas ainda maior, do ponto de vista prático, é o silêncio em torno da verdade. Pela simples abstenção de mencionar certos assuntos, pela interposição de [...] uma ‘cortina de ferro’ entre as massas e os fatos ou argumentos que os chefes políticos locais consideram indesejáveis” (HUXLEY, 2001, p. 28-29).

Existem apenas essas duas expressões do currículo: a velada e a revelada? O evento discursivo, ou melhor, da manifestação do poder do discurso está em qual dessas duas facetas do currículo? Nesse momento da discussão é necessário fazer referência ao discurso e suas formas de apresentação. O filósofo francês Michel Foucault foi quem melhor estruturou essa teoria do não dito como forma discursiva válida.

Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que só apóiam e atrevesam os discursos (FOUCAULT, 1988, p. 33-37).

Na prática educativa, ao conteúdo previamente definido, soma-se o espaço dos discursos. O currículo é espaço através do qual fala pessoas autorizadas por seus saberes (conhecimentos especializados), porém um espaço construído por outros discursos que se sobrepõem. Dentre esses discursos, o discurso científico se sobrepõe aos demais e se apresenta como sendo aquele, efetivamente, legítimo e



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

verdadeiro. Existem outros discursos que não visam conquistar formas de sujeitos, mas antes constituí-los, como sujeitos de discursos, no interior de uma comunidade de fala onde todos possam participar do diálogo. Historicamente, o currículo, por outro lado, tornou-se o lugar do dizer o que *deveria ser* sem antes focar no que *efetivamente é*, ou seja, o currículo deveria ter como centro as condições de sujeição dos sujeitos envolvidos.

No interior da sala de aula, o currículo constitui uma luta desigual de saberes. Há uma espécie de imposição aos indivíduos (alunos) de saberes selecionados, hierarquizados, fragmentados e descontextualizados. Nessa relação hierárquica, sobressaem os saberes que valem mais, os saberes que constituem poder de autoridade. Nesse sentido, nessa luta entre saberes, o currículo é o elemento definidor, selecionador dos saberes que devem ser anulados e a reafirmação do saber que deve prevalecer. Saber, nesse sentido, é a expressão de uma determinada prática discursiva de um sujeito como descreve Foucault (2004, p. 204):

[...] uma prática discursiva e indispensáveis à constituição de uma ciência, apesar de não se destinarem necessariamente a lhe dar lugar, pode-se chamar *saber*. Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não o status científico.

A sala de aula é, pois, um dos espaços onde o currículo atua e se mostra, enquanto espaço de discurso e construção do saber. Espaço de saberes silenciados e silenciosos, onde cada sujeito, através de seus discursos, carrega em si os signos de onde e de que saberes pertencem, e o quanto valem enquanto veículo desses saberes, demarcando de forma clara uma espécie de fronteira.

O currículo também é um espaço de discurso histórico nos quais os saberes adquirem sentido de uma forma prática, ou mesmo pela prática. “Essas relações caracterizam não a língua que o discurso utiliza não as circunstâncias em que ele se desenvolve, mas o próprio discurso enquanto prática” (FOUCAULT, 2004, p. 51-



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

52). Tais sentidos são deslocados ressignificados ou anulados, dependendo das relações de poder que o cercam. Assim como em outros espaços, o currículo e a literatura, por exemplo, nunca haverá uma história da verdade, pois ela só é verdade por ser histórica. Ambas, história e verdade possuem o ponto de convergência no sentido.

Notemos que, no *Admirável mundo novo*, a base para obter uma sociedade harmônica e organizada, foi implantada na educação, condicionando as futuras gerações, desde a mais tenra idade. Educação centrada no condicionamento tinha como objetivo ultrapassar a linha da consciência e se alojar no inconsciente dos atingidos por ela, de tal forma que nenhum indivíduo pudesse transpor os limites de tal educação e encontrasse o seu próprio limite. Tal meta foi atingida porque desde cedo, ensinaram às crianças a ter amor pela servidão. Se tais afirmações valem para a ficção, não há dúvidas de que também em nossa educação esses objetivos são atingidos e o resultado é visível: indivíduos apáticos, acomodados, conformados e sem aspirações ao que se espera do futuro.

Talvez uma desvantagem dos discursos curriculares da atualidade, seja essa falta de norte que foi dado com o currículo de Bobbitt, não que o currículo de Bobbitt seja o ideal. Mas naquela época se tinha clareza quanto aos objetivos da educação e o currículo partia de uma realidade/necessidade histórica. Hoje encontramos uma diversidade de discursos científicos, no que diz respeito ao processo educacional, cada um expondo suas verdades. Na maioria desses discursos, em função do lugar onde eles são gestados, não representam nenhum objetivo claro, dando a possibilidade de uma infinidade de escolhas tanto de métodos quanto de conteúdos a serem ensinados. Na prática, sobretudo a partir das escolhas/decisões dos órgãos responsáveis pela educação não existe propriamente uma escolha e cada escola se utiliza todas as perspectivas educacionais de forma bastante fragmentadas e incoerentes. Segundo Goytisolo (1977, p. 167):



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Os planos estatais de ensino tendem a formar cidadãos abertos a todas as idéias, mas carentes de rigor para julgar com profundidade os grandes problemas e para distinguir por uma análise crítica o objetivamente verdadeiro do errôneo, em especial nas ciências humanas.

Essa situação é mais um exemplo de que a construção do currículo não está ligada ao ideal de civilização que queremos ser, mas é o resultado de um discurso de poder. Na história do currículo, a década de 1960 é considerada como um marco importante, devido sua renovação enquanto teoria, em um momento em que as verdades e os conhecimentos de várias áreas estavam sendo questionados. Propostas teóricas e metodológicas surgiram de vários campos onde tudo parecia anteriormente cristalizado: educacionais, políticos, artísticos, sociológicos, linguísticos etc. No entanto, não enxergamos os frutos de tais escolhas realizadas no passado. Em relação a essa confusão de teorias no ensino, conforme Goytisoló(1977) expõem algumas manobras na educação no sentido de fazê-la descumprir com seu principal papel, que é formar cidadãos políticos, para se transformar em mero mecanismo de consumo e a serviço do capital.

Quando a educação tende, através dos seus gestores – autores efetivos dos currículos – a formar um homem, um cidadão, o mercado exige da escola uma máquina. Quando a educação tenta formar pensadores, o mercado exige técnicos. E assim segue. O currículo foi sempre submetido, desde quando surgiu, aos designios da economia. Eis mais uma dualidade na educação, dentre tantas outras. Hoje não podemos dizer a mesma frase que foi dita pelo D.I. C. no *Admirável mundo novo*. “Você realmente sabe para onde vai. Pela primeira vez na história”. Na realidade não sabemos e nem saberemos. Talvez, a angústia do professor Helmholtz seja a mesma de nossos educadores. Sentem que devem e precisam fazer algo importante, mas não sabem *o que* e nem *como*, permanecendo na apatia e na reprodução daquilo que o currículo espera dele.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

CONCLUSÕES

Discutir educação, na prática, é discutir currículo. Currículo compreendido como lugar de afirmar e negar discursos, mas, sobretudo, lugar onde o que, como, para que e para quem ensinar encontra sentido. Essa nova maneira de pensar a educação, através de um mecanismo tão eficiente quanto o currículo, se constitui um marco na história. O currículo tornou-se, desde as discussões de Bobbitt até hoje, uma relação de saber-poder que parte do projeto de homem/sociedade que a educação pretende formar. A educação, como todos os processos históricos e ideológicos, constitui interesses de homens e sociedades historicamente situados. A definição deste ou daquele currículo depende do discurso que possui poder-saber. Por outro lado, o currículo é a expressão mais visível, através do qual podemos inferir o objetivo e a qualidade da educação.

Vemos que a sociedade fictícia do *Admirável mundo novo* se sustenta, principalmente, pelo papel que a educação desempenha na vida de seus habitantes, pelo currículo que se mostra eficiente quando se trata de promover a manutenção da ordem social e do *status quo*.

Os livros abordados, ao longo do presente texto, provocam uma reflexão, sobre o sentido de nossa educação, sobre o tipo de homem que está sendo formado, mediante a relação saber-formar entre professores e alunos que, na prática, se apresenta como saber-poder. Questões referentes à educação e à formação dos seus cidadãos foi nosso enfoque, para que, paralelamente, com a realidade nos permitir uma reflexão acerca do nosso processo educacional, do nosso currículo como ele se encontra hoje.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

REFERÊNCIAS

- BACON, Francis. **Obras incompletas**. São Paulo: Abril Cultural, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- _____. **Em defesa da sociedade**: Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- GAMA-KHALIL, Marisa Martins. Aspráticas no espaço d'O conto da ilha desconhecida. In: MILANEZ, Nilton, SANTOS, de Jesus Santos (orgs.). **Análise do discurso: sujeito, lugares e olhares**. São Carlos: Claraluz, 2009, p. 63-74.
- GOYTISOLO, Juan Valett de. **O perigo da desumanização através do predomínio da tecnocracia**. São Paulo: Mundo Cultural, 1977.
- HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. Rio de Janeiro: Globo, 2001.
- MORE, Thomas. **Utopia**. 3ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.